
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Revista
Didática Sistemática

TRIMESTRAL

ISSN: 1809-3108

Volume 5, janeiro a junho de 2007

Atitudes “trans”: o fim dos fundamentalismos?

Fernanda Aléssio Oliveto¹

Entender e aceitar o *diferente* sempre foi questão delicada, seja porque o outro nos parece melhor, pior ou simplesmente distinto de nós. As muitas raças da humanidade vêm, ao longo dos tempos, repetindo a postura egoísta e individualista de só enxergarem a si mesmas e de invadirem espaços que não lhes pertencem para impor sobre o dominado sua cultura, até então considerada “a cultura” única e possível na História. É um processo bastante complexo, que remonta à conquista forçada de civilizações muito anteriores ao surgimento da idéia de transcultural, transnacional e ‘transreligioso’, mas que expressa, acima de tudo, um pensamento arredo aos sentimentos de coexistência pacífica, de respeito e de preservação da essência dos povos.

A realidade é pródiga em exemplos: para os nazistas, a ilusão de “raça pura” levou à morte de milhares de homens, mulheres e crianças que cometeram o crime de não terem o sangue ariano nas veias, pagando suas penalidades nos campos de concentração. Caso os alemães assumissem posturas e atitudes transnacionais, saberiam colocar-se num plano de igualdade para com as demais raças, sem julgar-se superior a qualquer outra. O mesmo se pode dizer do fundamentalismo cultural norte-americano, que dita aos quatro cantos do mundo o que considera a música da moda, a

¹ Analista ambiental do Ibama – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

E-mail: fernandaoliveto@yahoo.com.br

roupa da moda, os valores da moda. Tudo isso regado à coca-cola gelada e servido em meio a “dois hambúrgueres, alface, queijo, molho especial, cebola, *pickles* e um pão com gergelim”. A invasão norte-americana sufoca toda tentativa de mudança, de integração de novas manifestações culturais, colocando o estrangeiro em posição inferior, de sub-raça.

A religião também é sumariamente afetada pela falta da consciência “trans”, haja vista a eterna disputa pela Terra Santa, onde, ao que parece, Deus deve passar longe. A cada dia os noticiários apresentam números de mortos em atentados terroristas, e o termo “homem-bomba” já faz parte de nosso léxico, não provocando mais o choque de antes, despertando, quando muito, algo como tédio e desesperança diante da vida, cada vez menos cotada na bolsa de valores humanos.

As atitudes transnacional, transcultural e ‘transreligiosa’, bem como as demais “trans”, têm o poder de mudar este cenário desolador, para isso sendo preciso uma urgente reformulação educacional. Atitudes e posturas se conquistam, não se impõem. E a educação tem a capacidade de promover a reflexão e a reformulação de pensamentos e hábitos. É preciso uma educação que entenda o ser humano de forma inteira e não separe o intelecto dos sentimentos, que introduza nos sistemas de ensino noções que ultrapassem o conhecimento decorado de datas, fórmulas matemáticas e reações químicas, aproximando a pessoa de sentimentos há muito esquecidos e, por isso mesmo, não mais transmitidos: solidariedade, respeito, honestidade, integridade, retidão de caráter. Conceitos que até podem estar nas páginas dos livros didáticos, mas que não são regra. Na verdade, constituem-se em exceções de uma minoria de insurgentes.